





ter “(...) uma certa delicadeza dada pelas várias sombras. Neste volume havia uma questão de cota que era preciso vencer. Surgiu este novo problema porque, no passado, o volume seria constituído apenas por barrotes com uma tábua em cima, mais nada. Quando se começam a ter preocupações de isolamento, começam os problemas a aparecer. Pretende-se simultaneamente preservar a proporção das coisas e introduzir tudo aquilo que uma casa precisa ao nível de isolamento, que só é possível com uma nova estrutura. Primeiro, a viga à escala do cachorro, depois, o remate que faz a transição para a caixilharia, que faz uma pingadeira, a parte da caixa de baixo que sustenta o pavimento. Não havia muita altura, está no mínimo. Com esta estrutura, se fosse tudo plano, na fachada que dá para o pátio, seria uma coisa pesada. Foram então criadas sombras.”<sup>147</sup>

“Para Távora, a galeria foi óbvia, o volume suspenso também, estavam lá os cachorros para receber qualquer coisa e, neste sentido, esta intervenção foi muito simples porque foi ler os indícios. É quase como estar a ler um texto onde faltam algumas palavras e colocar as palavras certas para que o texto se torne legível.”<sup>148</sup> Antes este volume, cujo piso seria apenas de tábuas de madeira apoiadas em vigas e nos cachorros<sup>149</sup>, tinha uma proporção adequada ao espaço de passagem e ao interior do sequeiro, em uniformidade com o conjunto. “A estrutura suspenso não era uma estrutura de pedra, porque a pedra foi-se aguentando, o que caiu foram as madeiras que eram mais precárias. Esta estrutura normalmente seria um barrote de madeira porque era muito comum, vê-se muito em casas agrícolas. Provavelmente serviria de armazém, uma zona mais seca, como é uma zona mais alta não está em contacto com o chão húmido.”<sup>150</sup>

Considerando a espessura total da nova composição de pavimento do piso suspenso, exigida para o conforto térmico e isolamento dos espaços interiores e

<sup>147</sup> PACHECO, Pedro, *Entrevista a Pedro Pacheco*, Lisboa, 4 de Junho 2010, (em anexo p.184)

<sup>148</sup> *Ibidem*, p.187

<sup>149</sup> Cachorro – pedra saliente, no alto do muro onde se apoia parcialmente o volume do antigo sequeiro, actual sala de estar.

JANSON, Horst Woldemar, JANSON, Anthony, *História da Arte*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1992, 5ª Edição, p.793

<sup>150</sup> PACHECO, Pedro, *Entrevista a Pedro Pacheco*, Lisboa, 4 de Junho 2010, (em anexo p.188)

constatando a aparente leveza do volume, admira-se a mestria do arquitecto. A altura da passagem manteve-se à cota que seria a mesma da varanda. O interior perdeu alguns centímetros pela nova constituição do piso, o que resultou num degrau da sala de jantar para a sala de estar. A altura interior de todo o conjunto foi aumentada em espaço útil pelo sistema construtivo da cobertura. Foi ainda através da partição do volume, – com um elemento horizontal que se apoia nos cachorros, um outro elemento horizontal que avança e marca a altura do parapeito da varanda, as janelas que recuam ligeiramente e o telhado que também avança – que se conseguiu esse resultado, sem quebra de continuidade. Denota-se que, através dos elementos referidos, Fernando Távora conseguiu um domínio da projecção das sombras, aligeirando o desenho.

A intervenção de Távora distingue-se exteriormente da construção original pela utilização de diferentes materiais, geralmente madeira pintada de vermelho. Esta diferença possibilita reconhecer muitas vezes a pré-existência da intervenção do arquitecto como, por exemplo, a altura original do edifício que corresponde ao antigo lagar, sensivelmente igual à do espigueiro, o qual aumenta.

Na casa em Pardelhas “Há um melhoramento enorme na qualidade do espaço de habitar – pela luz, pelo conforto, pelos materiais que tem, pela forma do tratamento da madeira, pelas cores da madeira, pela ligação funcional – também pelas ligações que não existiam e que foram feitas.”<sup>151</sup>

“Ganhamos logo uma grande afectividade a este espaço, a arquitectura tradicional tem destas coisas fabulosas. Isto é uma arquitectura feita por *não-arquitectos* e é impressionante a beleza, o equilíbrio que estes espaços têm!”<sup>152</sup>



<sup>151</sup> PACHECO, Pedro, *Entrevista a Pedro Pacheco*, Lisboa, 4 de Junho 2010, (em anexo p.183)

<sup>152</sup> *Ibidem* (em anexo p.185)

## Programa

O arquitecto assume como matriz a estrutura pré-existente que se encontrava já em ruína desde o início do século XX. Fernando Távora respeita a linguagem, eternizada pela pesquisa do *Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa*, mantendo as espessas paredes de alvenaria de granito aparelhado, constituídas por grandes blocos rectangulares assentes horizontalmente, sem argamassa ou reboco exterior, prática comum naquela região. Foi através da disposição destas paredes e seus vãos que se investigou e interpretou o programa funcional da construção anteriormente habitada.



90

À ruína, formada por dois núcleos, foi adaptado o programa de uma casa de férias. O primeiro núcleo é composto pela casa de dois pisos, em forma de 'L', unida por uma estreita passagem acrescentada, a outro volume designado de anexo. No piso térreo da casa e no anexo localizar-se-iam as lojas encontrando-se a moradia na parte superior da casa. A “moradia, cabeça da composição”<sup>153</sup> com, provavelmente, uma sala-quarto, num mesmo compartimento e uma cozinha, estender-se-ia “num único piso, sobrado, por cima das lojas.”<sup>154</sup> na parte mais solarenga da casa. No piso sobrado, acessível apenas por escadas exteriores de pedra adossadas à parede da fachada frontal, Távora repôs o elemento da varanda coberta apoiada em colunas de granito e reforçada por perfis metálicos perpendiculares às colunas. A cobertura é agora suportada por pequenas colunas, também em granito, cujos indícios levaram a considerar que existissem. A varanda funcionaria como um corredor que ligava a entrada da casa às dependências da moradia, normalmente com duas divisões, como sucede noutras casas daquela região. Desta, várias portas dão acesso à cozinha e à sala de jantar, o que permite uma entrada bastante informal nestes espaços que afinal são unos. Esta “relação sala/cozinha, em Pardelhas, não é nada



91

<sup>153</sup> TÁVORA, Fernando, PIMENTEL, Rui, MENÉRES, António, “Zona 1”, in AFONSO, João, MARTINS, Fernando, MENESES, Cristina (coord. edit.), *Arquitectura Popular em Portugal*, 4ª ed., Lisboa: Centro Editor Livreiro da Ordem dos Arquitectos, vol.1, 2004, p.38

<sup>154</sup> *Ibidem*

convencional. Entra-se e à direita há um balcão desenhado pelo *atelier*. Já existia o fogão, o forno do pão e a janelinha. A cozinha ligou-se naturalmente à sala porque, pelo tipo de vivência que a casa ia ter, não se justificava estar a fazer uma coisa fechada quando o interessante era a comunicação.”<sup>155</sup> Assim optou-se por recuperar a cozinha, limitando-a funcionalmente ao espaço que provavelmente teria antes. Neste caso, como é muito frequente, parte da cozinha encontrava-se assinalada pelo pavimento e forno em pedra que se mantiveram e que a destrinçam dos restantes espaços, conservando o carácter que lhe é próprio na Arquitectura Popular. Actualmente a divisão entre a cozinha e o espaço contíguo é apenas sugerido pela disposição do balcão da cozinha que permite uma certa continuidade com a sala de jantar, que faz charneira com a sala de estar. Nestes dois últimos espaços, Távora consegue a individualização clara quebrando a continuidade existente proporcionada por um espaço que se estreita e uma pequena diferença de cotas, onde se encontrava uma 'janela namoradeira'. Dali pode ver-se o jardim, o conjunto da eira, o espigueiro e o primeiro tanque. “Esta Casa é um caso muito singular porque quando se pensa uma casa de férias, tenta-se tirar partido da magia da casa, da sua beleza intrínseca e também do espaço, subir uns degraus e estar no estrado a dormir, numa zona que ao mesmo tempo é uma sala. Os espaços sugerem muita coisa.”<sup>156</sup>

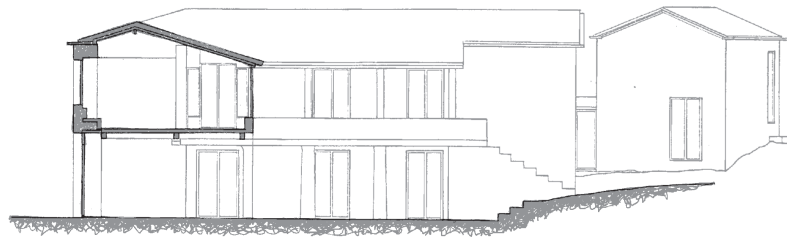
A parte suspensa da casa, adjacente ao volume rectangular e apoiado contra o muro que delimita a propriedade, onde se encontra actualmente a sala de estar, seria o sequeiro característico na casas do Minho. “(...) [É no sequeiro] onde se guardam e expõem ao sol o milho, o feijão e todos os produtos da terra que precisam de abrigo e ar renovado. Como fica solto do chão, é vulgar adossá-lo à casa, [como se vê neste caso] ou até mesmo aproveitar a varanda aberta para esse mesmo efeito.”<sup>157</sup> Denota-se, uma vez mais, a melhoria da qualidade do espaço, através da introdução de uma lareira cuja chaminé estreita termina sobre a cumeeira do telhado, como é frequente ver-se nesta região. No

<sup>155</sup> PACHECO, Pedro, *Entrevista a Pedro Pacheco*, Lisboa, 4 de Junho 2010, (em anexo p.184)

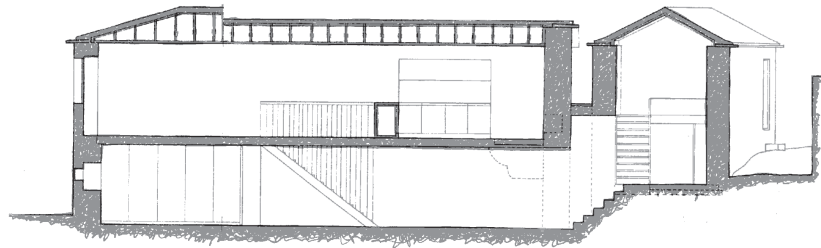
<sup>156</sup> *Ibidem* (em anexo p.185)

<sup>157</sup> TÁVORA, Fernando, PIMENTEL, Rui, MENÉRES, António, “Zona 1”, in AFONSO, João, MARTINS, Fernando, MENESES, Cristina (coord. edit.), *Arquitectura Popular em Portugal*, 4ª ed., Lisboa: Centro Editor Livreiro da Ordem dos Arquitectos, vol.1, 2004, p.38

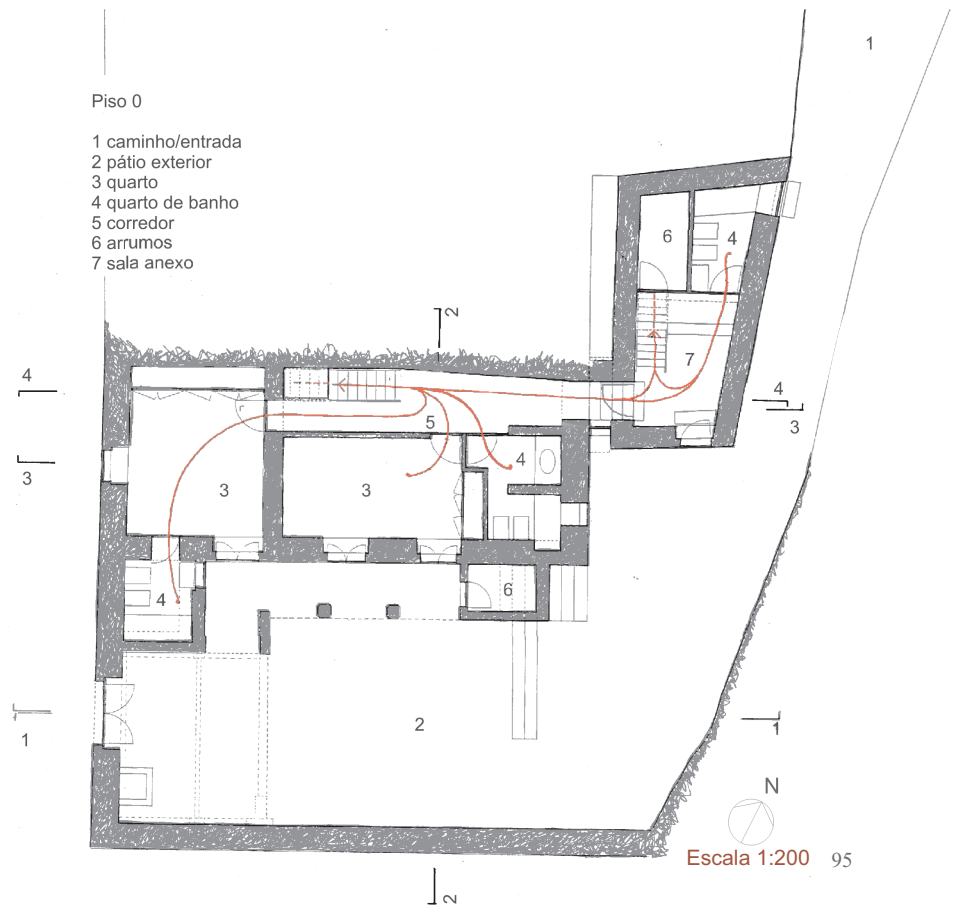


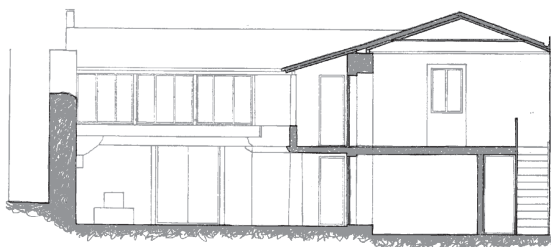


corte 1

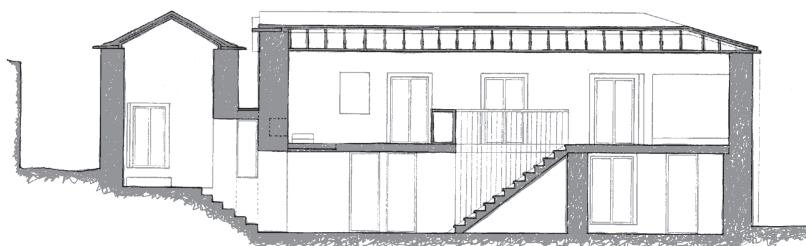


corte 3





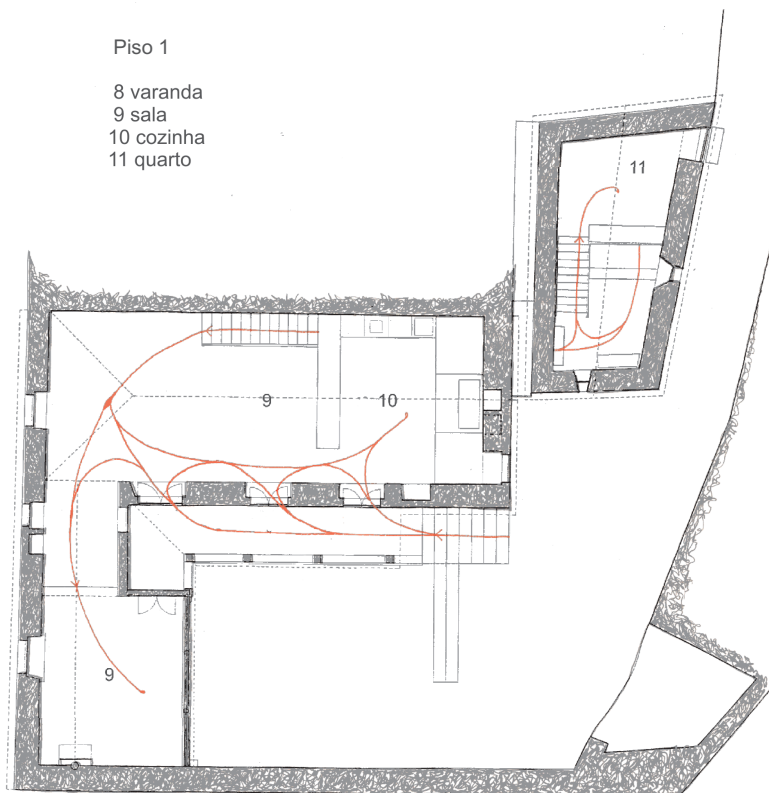
corte 2



corte 4

Piso 1

- 8 varanda
- 9 sala
- 10 cozinha
- 11 quarto



Escala 1:200 96